

A IMPORTÂNCIA DE UMA ANÁLISE CRÍTICA DO CINEMA AMBIENTAL

FERREIRA, Thaís Arruda - t_harruda@yahoo.com.br

Resumo: O audiovisual é uma tecnologia da informação e da comunicação produzida histórico-socialmente na cultura humana que origina, difunde e legitima representações sociais. A supervalorização cotidiana das imagens, com seu consumo rápido e sem reflexão contribuem para um discurso imagético que visa a manutenção do atual modelo de sociedade. Diante disso, esse artigo pretende apresentar a importância de uma análise crítica da produção de audiovisual com temática ambiental, procurando relacioná-las com as concepções de Educação Ambiental. Para isso, o artigo destaca algumas divergências e dificuldades em relação ao conceito de cinema e vídeo ambiental e a necessidade de identificar e qualificar as diferentes propostas de Educação Ambiental.

Palavras-chave: cinema ambiental, educação ambiental, meio ambiente

Abstract: The audiovisual is an information technology and communication in socially produced historical and human culture which originates, distributes and legitimizes social representations. The overvaluation of everyday images, with their consumption quickly and without reflection imagery contribute to a discourse that aims to maintain the current model of society. Therefore, this article aims to present the importance of a critical analysis of audiovisual production with environmental issues, trying to relate them to the concepts of Environmental Education. For this, the article highlights some divergences and difficulties in relation to the concept of environmental film and video and the need to identify and categorize different proposals for Environmental Education.

Keywords: environmental film, Environmental Education, environmental

Introdução

As imagens sempre estiveram presentes na mediação entre homem e realidade.

Ao se referir à imagens, fala-se de coisas bastante diversas: algumas se referem a imagens exteriores à consciência (pinturas, esculturas, fotos, filmes), outras podem ser consideradas internas ou mentais (sonhos, devaneios, alucinações). No entanto, algo é comum a todas elas: oferecem um análogo das próprias coisas, seja porque estão no lugar das próprias coisas, seja porque fazem imaginar coisas através de outras.

Das pinturas rupestres, escritas, pinturas, fotografias, até o cinema e a internet, as possibilidades comunicativas das imagens são ampliadas na medida em que ocorre a complexificação da produção da realidade por meio destas novas mediações.

Essas novas mediações, proporcionadas pelas novas tecnologias da informação e da comunicação, estão transformando as formas de entendimento da realidade.

Roig (1997) afirma que estas mudanças estão produzindo em nossa sociedade novas condições de saber, novas formas de sentir e de sensibilidade, novos modos de se encontrar e de sociabilidade. Uma destas novas tecnologias é a produção audiovisual.

A palavra audiovisual abrange toda obra que é produzida com a intenção de criar a impressão de movimento, utilizando imagem e som. Não importa como se captura, exhibe ou transmite essas imagens e esses sons, seja pelo cinema, pelo vídeo, pela televisão, seja pela internet, seja filme de ficção, seja documentário, desenho animado, videoclipe, videoarte, novela; é tudo audiovisual.

A imagem audiovisual está inserida no grupo de imagens técnicas, isto é, produzidas por aparelhos. Esses aparelhos ampliam a percepção e o alcance das ações do homem no meio: “intervém a câmara com seus inúmeros recursos auxiliares, suas imersões e emersões, suas interrupções e seus isolamentos, suas extensões e suas acelerações, suas ampliações e suas miniaturizações. Ela nos abre a experiência [...] do inconsciente ótico” (BENJAMIN, 1994, p.189), ou seja, a reprodução técnica pode “acentuar certos aspectos do original, acessíveis à objetiva [...], mas não acessíveis ao olhar humano” (*Ibidem*, p. 168).

Para Reigota (1999), na perspectiva da teoria das representações sociais, as imagens originam, difundem e legitimam representações, trazendo, de forma implícita ou explícita o “potente capital simbólico das instituições, grupos e pessoas que as produzem e divulgam” (REIGOTA, 1999, p. 93).

De acordo com Silva (2006, p.77), essas “imagens são objetos simbólicos e como tal, são produzidos histórico-socialmente como parte da cultura humana e distribuem-se, circulam e funcionam de formas desiguais”, ou seja, nem toda a sociedade tem garantidos os direitos de livre recepção, emissão e significações.

Com isso, o discurso imagético é uma das armas na manutenção do atual modelo de sociedade: “parte da população, operária, cansada, estressada, recebe informações para se divertir, descansar; [...] outra parte, os detentores do poder, recebe informações para realmente poder dirigir, orientar esta sociedade na tomada de decisões” (MARTIN-BARBERO, 1995, p.49).

Para Chaufí (2008, p. 147) existe:

[...] um tecido de imagens [...] que desvia nossa atenção da realidade, ou que nos serve para dar compensações ilusórias para as desgraças das nossas vidas ou da sociedade, ou que é usado como máscara para ocultar a verdade. A imagem reprodutora (nas ciências, na Filosofia, no cinema, na televisão, na literatura, etc.) bloqueia nosso conhecimento porque apenas reproduz nossa

realidade, mas dando a ela aspectos sedutores, mágicos, embelezados, cheios de sonhos que já parecem realizados e que reforçam nosso presente como algo inquestionável e inelutável.

O audiovisual não apenas traduz gostos artísticos, crenças, valores, conhecimentos, como também colabora no forjar desses elementos. Para Debord (2002), vivemos numa “sociedade do espetáculo”. A mídia imagética não é mera produtora e acumuladora de imagens, mas compõe uma configuração espetacular e mercadológica que a vida social assume no capitalismo contemporâneo: “O espetáculo não é um conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas, mediada por imagens. [...] O espetáculo é o capital em tal grau de acumulação que se torna imagem” (DEBORD, 2002, p. 25).

A supervalorização cotidiana das imagens, visando à sedução através do prazer estético, é uma das armas do consumismo de nossa época. Neste sentido, a linguagem audiovisual cumpre bem este papel de ativador do consumo. Este sistema de “necessidades supérfluas” e satisfações “pré-fabricadas”, que acelera o consumo às custas da alienação da população, forma parte de uma cadeia produtiva que provoca a utilização insustentável dos recursos naturais e a manutenção da desigualdade social.

Diante disso, o audiovisual vem se impondo como um objeto de análise significativo para educadores preocupados com o processo formativo de homens e mulheres no capitalismo contemporâneo.

Não há por hábito analisar as imagens presentes no cotidiano. Geralmente as imagens são “consumidas” rapidamente, de forma rápida e sem reflexão.

Ao analisar as questões da indústria cultural e sua relação com a educação, Loureiro e Fonte (2003) destacam a padronização do juízo ético e estético dos indivíduos pelos meios de comunicação de massa. Dessa forma “a educação não pode ignorar as representações culturais que contribuem para o processo de formação das individualidades. Deve-se cada vez mais questionar e problematizar as verdades estabelecidas com base nos produtos imagéticos” (LOUREIRO & FONTE, 2003, p. 85).

Criar mecanismos para leituras críticas desse material é uma maneira que se tem disponível para educar-se e educar ao próximo, produtores e espectadores.

Audiovisual ambiental

Apesar da importância da leitura crítica de qualquer produção audiovisual, é intrigante a crescente produção de audiovisual com temática ambiental para festivais¹ de cinema e vídeo ambiental.

De acordo com o mapeamento de Leal (2008, p.58),

[...] apesar da grande maioria dos eventos declarar que não possui um perfil pautado por uma temática específica, foi possível identificar que 29,5% dos festivais [brasileiros] mapeados² já atuam desta forma. Neste campo o destaque fica por conta da categoria “Ambiental” que registra a realização de

¹ A maioria dos festivais consagrados à exibição de obras audiovisuais adotam as denominações "de cinema" ou "de vídeo", eventualmente combinam as duas possibilidades. O cinema e o vídeo são meios diferentes de se mostrar uma imagem em movimento.

² O **Diagnóstico Setorial 2007 – Indicadores 2006** detectou a realização de 132 festivais brasileiros em 2006.

oito festivais³.

Diante desses dados, é importante investigar o que é cinema e vídeo ambiental.

Por que e pra quê a realização de festivais com a categoria “Ambiental” vem se destacando?

Para Leão (2001, p.7), “o cinema [e vídeo] ambiental não se restringem à filmes ecologicamente engajados, mas a todos aqueles que tratam de temas que permitem uma leitura ambiental, seja na forma de documentário ou ficção, reportagens e séries para TV”, destacando-se aqueles que tratam de questões que envolvem a sobrevivência da humanidade e dos seres vivos em nosso planeta.

Diante dessa visão ampla de cinema e vídeo ambiental, para Leão (2001), a história do cinema ambiental brasileiro está ligada com a história do cinema brasileiro. Para ele, o primeiro filme rodado no Brasil, “Entrada do Porto do Rio de Janeiro com Vistas da Baía de Guanabara” (1898), de Afonso Segreto, é o filme precursor do cinema ambiental brasileiro pelo valor histórico do registro da natureza.

Bernardet (apud Leão 2001) não considera os primeiros documentários brasileiros nem os documentários da década de 20 que valorizam as paisagens virgens e os aspectos culturais típicos do país como exemplos de documentários no rol de filmes ambientais. Para ele, nem o Cinema Novo, que leva em conta a utopia de uma sociedade justa, não tinha uma preocupação específica e consciente com a questão ambiental.

Bernardet (apud Leão 2001) estabelece como marco inaugural do cinema ambiental brasileiro o filme “Apelo” de Trigueirinho Neto, realizado na década de 60. Ele afirma que a preocupação ambiental data de séculos, mas a questão é saber para onde se encaminha essa preocupação. Para ele, essa preocupação deve caminhar no engajamento na causa ecológica, no sentido de denunciar e despertar a consciência do público para o problema:

“Apelo, fita de curta metragem [...], é um documentário que nos parece novo no panorama paulista, pela sua expressão e pelo fato de não se limitar a descrever, mas de ser também uma tomada de posição. [...] Trigueirinho Neto não se limitou a ilustrar um ponto de vista, [ele] assumiu responsabilidade levando o problema ao público”. (BERNARDET, 1961 apud LEÃO, 2001, p.11)

De acordo com Xavier, o conceito de cinema ambiental é

uma categoria exclusivamente temática, que gera problemas porque, do ponto de vista temático, [...] pode-se ter um filme que estará trabalhando um outro problema, mas que terá uma dimensão forte ligada à questão ambiental. [Com isso], fica fluido o critério de inscrição do filme nesta categoria [cinema e vídeo ambiental]. (XAVIER, 2006a, p.11)

Para exemplificar essa problemática, Xavier (2006b) acrescenta que

há duas maneiras de um filme ter definido esse caráter de denúncia ou

³ FICA – Festival Internacional de Cinema e Vídeo Ambiental, ECOCINE – Festival Internacional de Cinema e Vídeo Ambiental, CINEAMAZONIA – Festival de Cinema e Vídeo Ambiental, MoVA CAPARAÓ – Mostra de Vídeo Ambiental de Caparaó, Festival Nacional de Cinema e Vídeo Ambiental de Pacoti, Festival Latino Americano de Vídeo Ambiental da Chapada Diamantina, Mostra Nacional de Vídeo Ambiental de Vila Velha e Muri Cine Vídeo Ambiental.

mesmo de mostrar as complexas variáveis que envolvem uma questão ambiental: ou ele se assume como denunciante, por meio do documentário, ou ele trata problemas ambientais como pano de fundo, como fez Antonioni [Michelangelo, diretor italiano] no filme *O Deserto Vermelho*⁴, de 1964. [No filme], o problema em si da usina não é discutido pelos personagens, mas é colocado de tal forma que serve como elemento fundamental para delinear a crise deles (XAVIER, 2006b).

Para Xavier (2006a), a criação desse gênero em festivais de cinema e vídeo tem a ver com a consolidação da questão ambiental como tema atual central para a humanidade:

[...] já que este recorte, a partir da categoria Meio Ambiente, passou a existir na sociedade, e passou a ter um papel central no próprio encaminhamento da discussão política, não surpreende que isto marque a sua incidência no campo do cinema e origine uma série de festivais que em geral são produzidos em função dessa convergência de interesses.

Essa consolidação da questão ambiental e a supervalorização da imagem no cotidiano tornam necessário o seguinte questionamento e reflexão: toda produção audiovisual com temática ambiental é uma arma contra a crise ambiental?

A Educação Ambiental (EA) pode contribuir com essa reflexão. Com a consolidação da questão ambiental, existe certo consenso na sociedade em reconhecer a gravidade dos problemas ambientais e em considerar a EA como uma das principais formas de superação desses problemas, contudo, existe certa dificuldade em perceber que as propostas para as soluções desses problemas não são consensuais.

Qual educação ambiental?

Ninguém escapa à educação. Todos os dias, todos nós misturamos a vida com a educação: “não é possível ser gente sem, desta ou daquela forma, se achar entranhado numa *certa prática* educativa. E entranhado não em termos provisórios, mas em termos de vida inteira. O ser humano jamais pára de educar-se” (FREIRE, 2001, p. 23)

Não há uma única forma nem um único modelo de educação; a escola não é o único lugar em que ela acontece. Todas as situações entre pessoas, situações sempre mediadas pelas regras, símbolos e valores da cultura, tem uma dimensão pedagógica.

No mundo inteiro, o rádio, a televisão, o jornal, o cinema, o microcomputador e a internet passaram a ser parte da chamada tecnologia educativa e os meios de comunicação são utilizados como parte do processo educativo formal e não-formal.

Um dos principais assuntos transmitidos e fixados atualmente pelos meios de comunicação é a questão ambiental. A grande veiculação pela mídia dos problemas relativos à destruição do meio ambiente e da ameaça à permanência da raça humana no planeta, contribuiu para uma certa percepção generalizada e um certo consenso mundial

⁴ Sinopse: Chuva, neblina, frio e poluição assolam a cidade industrial de Ravenna, na Itália. Ugo, o gerente de uma usina local, é casado com Giuliana, uma dona de casa que sofre de problemas psicológicos. Numa viagem a Patagônia, ela conhece o engenheiro Zeller, o que pode mudar sua vida. (<http://setimoprojetor.blogstop.com/2009/04/o-deserto-vermelho-michelangelo.html>)

sobre a gravidade da crise ambiental.

Como forma de superação dessa crise, tem sido apresentado o modelo de desenvolvimento sustentável e a Educação Ambiental como uma das principais maneiras de atingir esse tipo de desenvolvimento:

[...] essas visões consensuais a respeito da gravidade da crise ambiental e da necessidade de 'fazer algo' geram uma grande expectativa em relação às possibilidades da Educação Ambiental, que vem sendo chamada a dar conta da mudança de valores e atitudes da humanidade diante da natureza, sendo colocada como um dos pilares para a efetivação de um modelo de desenvolvimento sustentável (GUIMARÃES, 2000, p.17)

Essa importância atribuída a Educação Ambiental justifica os motivos pelos quais ela vem rapidamente se institucionalizando, seja na educação formal⁵, seja na educação não-formal: “a educação ambiental é um componente essencial e permanente da educação nacional, devendo estar presente, de forma articulada, em todos os níveis e modalidades do processo educativo, em caráter formal e não-formal” (Política Nacional de Educação Ambiental, artigo 2º, 1999)

Apesar dessa crescente institucionalização da Educação Ambiental e das diversas maneiras de conceber e praticar a ação educativa neste campo, não há um nível de discussão aprofundado sobre Educação Ambiental, constatando-se uma certa homogeneização do discurso e da compreensão sobre Educação Ambiental na sociedade:

primeira constatação: nos discursos sobre Educação Ambiental não há uma clara demarcação quanto às suas diferentes concepções. De um modo geral fala-se em EA para a preservar a natureza; (...) segunda constatação: 'Educação Ambiental' percebida como um grande consenso e uma proposta comum, por pessoas e/ou segmentos sociais que vivenciam condições diferenciadas de vida, bem como diferentes visões de mundo. (GUIMARÃES, 2000, p.24)

É necessário que o pressuposto seja posto: existe certo consenso na sociedade em reconhecer a gravidade dos problemas ambientais e em considerar a Educação Ambiental (EA) como uma das principais formas de superação desses problemas, contudo, existe certa dificuldade em perceber que as propostas para as soluções desses problemas não são consensuais.

De acordo com Gallo (2007, p.33),

se a educação é um processo formador de pessoas, de homens, precisamos saber, de antemão, o que é e quem é esse homem que pretendemos formar. [...] Ao pensarmos nosso conceito de homem, deparamo-nos com a questão política: tal conceito está estreitamente relacionado com a sociedade na qual o homem está inserido.

Não há educação neutra, toda educação fundamenta-se numa concepção de

⁵ “A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional prevê a Educação Ambiental como uma diretriz para o currículo da Educação Fundamental. Em conformidade a isso, o Ministério da Educação apresentou, em sua proposta de “Parâmetros Curriculares Nacionais” (PCN), a EA como um tema transversal (meio ambiente) no currículo escolar. Instituiu-se em 1999, a Política Nacional de Educação Ambiental” (GUIMARÃES, 2000, p. 16).

sociedade, trata-se de definir de qual homem e de qual sociedade estamos falando. Abrem-se então duas possibilidades: formar homens comprometidos com a manutenção desta sociedade ou formar homens comprometidos com sua transformação.

Guimarães (2000) afirma que diferentes visões de mundo geram diferentes projetos e concepções de educação, e conseqüentemente, diferentes projetos e concepções de Educação Ambiental (EA).

A Educação Ambiental está atrelada a decisões políticas. As diferentes filiações pedagógicas que referenciam as atividades de EA permitem agrupá-las em pelo menos duas grandes concepções: EA conservadora (comprometida com a manutenção do atual modelo de sociedade) e EA crítica (comprometida com a transformação da sociedade em direção ao equilíbrio socioambiental), cabendo a cada uma delas uma grande diversidade de correntes⁶.

Para o autor, é necessário qualificar as diferentes propostas de Educação Ambiental para desvelar a apropriação ideológica dominante que a Educação Ambiental é neutra.

“[as] diferentes concepções de educação presentes em nossa sociedade travam um embate pela hegemonia. Uma atrelada aos interesses populares de emancipação, de igualdade social e melhor qualidade de vida que se reflete em melhor qualidade ambiental [educação ambiental crítica]; outra, que assume prioritariamente os interesses do capital, da lógica do mercado, defendida por grupos dominantes [educação ambiental conservadora]. Essa última, hegemônica na constituição da sociedade contemporânea” (GUIMARÃES, 2004, p. 28)

Audiovisual com temática ambiental e as concepções de educação ambiental

A partir da leitura de Carvalho (2001) e Guimarães (2000), foi identificado alguns indícios que permitem caracterizar as diferenças entre a EA conservadora e a EA crítica, visando contribuir para relacioná-las com as produções audiovisuais com temática ambiental.

Dentre as abordagens relacionadas à questão ambiental, destacamos a relação ser humano/ meio ambiente, ciência e tecnologia, valores éticos e participação política.

EA conservadora	EA crítica
Relação ser humano/ meio ambiente	
<ul style="list-style-type: none"> - dicotomia ser humano – ambiente; - ser humano como destruidor do ambiente, mas capaz de usar sem destruir; - homem faz parte da natureza em sua dimensão biológica (reducionismo) 	<ul style="list-style-type: none"> - complexidade da relação ser humano - ambiente; - relação historicamente determinada entre ser humano e ambiente; - ser humano como biopsicosocial, dotado de emoções;

⁶ “ a noção de corrente refere-se [...] a uma maneira geral de conceber e de praticar a educação ambiental. Podem-se incorporar, a uma mesma corrente, uma pluralidade e uma diversidade de proposições, por outro lado, uma mesma proposição pode corresponder a duas ou três correntes diferentes, segundo o ângulo sob o qual é analisada. [...] Embora cada uma das correntes apresente um conjunto de características específicas que a distingue das outras, as correntes não são, no entanto, mutuamente excludentes em todos os planos” (SAUVÉ, 2005, p. 17)

<p>biológico);</p> <ul style="list-style-type: none"> - lei da ação e reação entre ser humano e natureza (natureza vingativa); - o ser humano precisa proteger a natureza para sobreviver; 	<ul style="list-style-type: none"> - ser humano pertence à teia de relações sociais, naturais e culturais e vive em interação;
Ciência e Tecnologia	
<ul style="list-style-type: none"> - cientista/especialista como único detentor do saber; - ciência como portadora da verdade e da razão; - supremacia do poder científico sobre o popular; - solução dos problemas ambientais pela ciência e pela tecnologia; - ênfase do caráter informativo e tecnicista no processo educativo; - apenas descreve os problemas ambientais sem ser analítico em suas causas nem profundo em suas consequências; - não se questiona a apropriação dos benefícios tecnológicos por uma pequena parcela da população planetária; 	<ul style="list-style-type: none"> - interdisciplinaridade na produção do conhecimento; - conhecimento científico como produto da prática humana; - ciência como uma das formas de interpretação do mundo; - cultura local como conhecimento; - processo de investigação envolve rupturas e mudanças de rumo;
Valores éticos	
<ul style="list-style-type: none"> - arraigamento de valores antropocêntricos; - questões que envolvem conflitos não são abordadas; - Educação ambiental como processo de formação comportamental; - ênfase na responsabilidade individual na questão ambiental sem demonstrar o envolvimento do modelo de sociedade na elaboração dos problemas ambientais; - todos são igualmente responsáveis pelos problemas ambientais e pela qualidade de vida; - solução depende do querer fazer; 	<ul style="list-style-type: none"> - questões de igualdade de acesso aos recursos naturais e distribuição desigual de riscos ambientais são discutidas - incentivo à formação de valores e atitudes direcionados pela ética e justiça ambiental; - questões controversas são apresentadas na perspectiva de vários sujeitos sociais;
Participação Política	
<ul style="list-style-type: none"> - não percepção de diferentes concepções de Educação Ambiental atreladas a diferentes projetos de sociedade; 	<ul style="list-style-type: none"> - proposta de cidadania ativa; - aponta as responsabilidades das diferentes instâncias (sociedade civil, governo, ONGs);

<ul style="list-style-type: none"> - caráter participativo se restringindo à execução de um projeto predeterminado - propostas de atuação individual; - ênfase nos comportamentos individuais; - cidadão é o consumidor; - oposição entre o social e o natural; - ênfase na preocupação economicista. 	<ul style="list-style-type: none"> - fortalecimento da sociedade civil; - ênfase na participação coletiva.
---	--

Considerações Finais

Pode-se afirmar que a produção de audiovisual com temática ambiental reflete um conjunto de valores e conceitos relacionados a uma visão de mundo e a uma concepção de Educação Ambiental.

Como disse Chauí (2000, p. 171), “a imagem reprodutora opera com ilusões, enquanto a imagem criadora⁷ e a imagem utópica⁸ operam com a invenção do novo e da mudança, graças ao conhecimento crítico do presente”.

É necessário identificar os valores e os conceitos presentes nas produções audiovisuais com temática ambiental, procurando relacioná-los com as concepções de EA. Faz-se necessário criar mecanismos que possibilitem desvendar as imagens reprodutoras do atual modelo de sociedade e colocar o potencial imagético a serviço da transformação social

Referências bibliográficas

BENJAMIN, Walter. A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica. *Magia e Técnica, Arte e Política*. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994.

CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. Qual educação ambiental? Elementos para um debate sobre educação ambiental e extensão rural. *Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável*, Porto Alegre, v. 2, n. 2, p. 43-51, abr./jun. 2001.

CHAUÍ, Marilena. *Convite à filosofia*. São Paulo: Editora Ática, 2000.

DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo: comentários sobre a sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2002.

FREIRE. *Política e Educação*. São Paulo: Cortez, 2001.

⁷ A imagem criadora “reúne o que estava disperso na realidade, fazendo-nos compreender o sentido profundo e invisível de alguma coisa ou de alguma situação. [A imagem] nos mostra o inusitado, o excepcional, o exemplar ou o impossível por meio dos quais nossa realidade ganha sentido e pode ser mais bem conhecida” (CHAUÍ, 2000, p.171).

⁸ A imagem utópica “cria uma outra realidade para mostrar erros, desgraças, infâmias, angústias, opressões e violências da realidade presente e para despertar, em nossa imaginação, o desejo de mudança” (*Ibidem*, p. 171).

- GALLO, Sívio. *Pedagogia Libertária – Anarquistas, Anarquismos e Educação*. São Paulo, Imaginário: 2007.
- GUIMARÃES, Mauro. *A formação de educadores ambientais*. Campinas, SP: Papirus, 2004.
- _____. *Educação Ambiental – no consenso um embate?* Campinas, SP: Papirus, 2000.
- LEAL, Antonio. *Festivais Audiovisuais: diagnóstico setorial 2007 – indicadores 2006*. Rio de Janeiro: Fórum dos Festivais, 2008.
- LEÃO, Beto. *Cinema Ambiental no Brasil – uma primeira abordagem*. Goiânia: AGEPEL/ III FICA, 2001.
- LOUREIRO, R. & FONTE, S. S. D. *Indústria cultural e educação em “tempos pós-modernos”*. Campinas, SP: Papirus, 2003.
- MARTIN-BARBERO, Jesus. América Latina e os anos recentes. In: SOUSA, Mauro Wilton (org). *Sujeito, o lado oculto do receptor*, São Paulo: Brasiliense, 1995, p.39-68.
- REIGOTA, M. *A floresta e a escola: por uma educação ambiental pós-moderna*. São Paulo, Cortez, 1999.
- ROIG, Hebe. Uma Análise Comunicacional da Televisão na Escola. In: LITWIN, Edith. (org). *Tecnologia Educacional: política, história e propostas*, Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- SAUVÉ, Lucie. Uma cartografia das correntes em Educação Ambiental. In: SATO, Michèle (org) e CARVALHO, Isabel (org). *Educação Ambiental – pesquisa e desafios*. Porto Alegre: Artmed: 2005.
- SILVA, Henrique. César da. Lendo imagens na educação científica: construção e realidade. In: *Pro-Posições*, v.17, n.1 (49) – Jan./abr. 2006, p. 71-83.
- XAVIER, I. O Caso do Cinema Ambiental. In: *Revista UFG*, Ano VIII, nº1 – Julho 2006a, p.11-3.
- XAVIER, I. Como fica o FICA?. In: <http://www.overmundo.com.br/overblog/como-fica-o-fica/mht>, 2006b. Acessado 18/04/2011.